

A VIAGEM NO TAXI

Olhou-se no espelho retrovisor, deu um tapinha na face esquerda, seguido de um leve aperto na bochecha direita e perguntou:

- Fiquei bem?

Surpreendido pela pergunta brusca, respondi, tentando ganhar tempo:

- Como, senhor?

Eu havia entrado no táxi como sempre, colocado minha mala no banco de trás, sem perceber a cara e as feições do motorista, apesar de o ter cumprimentado com respeito. Seria um motorista de táxi conhecido meu? Não me lembrava. Tinha cerca de 40 anos, moreno, bem apessoado. Tinha expressão jovial e um sorriso sincero nos lábios.

- Fiquei bem sem barba?

Minha demora em responder tinha me ajudado. Compreendi que ele tinha tirado a barba, talvez depois de muitos anos, mas eu tinha certeza de que não o conhecia, com ou sem barba. O motorista queria falar:

- Depois de quinze anos, tirei a barba.

E passou a mão pelo queixo, descendo pelo pescoço, tornando a subir pelas bochechas, que se movimentavam com o aperto.

- O senhor fica mais jovem sem barba.

Concluí a frase e percebi a besteira que tinha dito, pois nunca o havia visto antes. Ele não percebeu, pois queria mesmo falar.

- Foi ela quem pediu.

A viagem que iniciávamos enveredava por outro assunto, mais íntimo.

- Sua esposa?

Estava mais atento à expressão do motorista e percebi que as sobrancelhas se aproximaram cavando um leve sulco acima do seu nariz. Novamente tinha cometido um deslize e resolvi ficar mais ligado na conversa. Aquela viagem prometia ser diferente de tantas outras.

O motorista sorriu, sua testa se alisou novamente e disse desanimado:

- Esposa? Para aquela eu posso cortar o pinto que ela nem percebe.

- Ah!!

O assunto tomava outro rumo ou, melhor dizendo, o mesmo rumo, mas com outra intensidade. O homem estava apaixonado e queria compartilhar sua felicidade com alguém. Resolvi aproveitar e perguntei:

- Então, para quem ou por causa de quem o senhor tirou a barba?

- Eu tenho uma amante!

- Ah!!

O motorista havia feito uma confissão, mas não foi num tom de culpa, como quem relata algum pecado a um padre num confessionário. Foi num tom de cumplicidade que ele me contou que tinha uma amante. Seria eu o primeiro passageiro a quem ele contava tal aventura? Ou ele a contaria para todos os passageiros? Seria um maníaco sexual? A aventura teria acontecido realmente ou o motorista seria um brincalhão que gostava de ficar testando as reações de seus passageiros diante de histórias picantes?

- De vez em quando eu falo para minha mulher que vou trabalhar à noite e vou ao apartamento da outra.

- É? E sua mulher desconfia de alguma coisa?

- Ela é louca. Se descobrir, me mata. Não tenho dúvidas. Certa vez, ela imaginou que eu tinha uma amante – e eu nem tinha naquela época – e me atacou com uma faca de cozinha. Eu estava distraído e só tive tempo de colocar o braço na frente. Olha a cicatriz!

E me mostrou o braço direito com uma grande marca de corte. Me arrepiei.

- Nossa! E por que o senhor não se acerta com ela para não precisar de amante?

Eu insistia num terreno perigoso: o homem queria falar de suas aventuras amorosas e eu sugeria a reconciliação com a esposa violenta. Decidi me deixar levar por seu relato.

- Aquela não tem jeito. Casamos muito cedo, tivemos um filho logo depois do casamento. Ela nunca gostou de sexo e eu não soube fazê-la gostar. Precisei de vinte anos para me soltar na cama e realmente sentir prazer. É a minha primeira amante.

Fiquei comovido pela sinceridade do motorista e pela sua busca pelo prazer sexual. Imaginei rapidamente os vinte anos de desencontros na cama do casal, relações forçadas ou, ainda pior, fingidas. Fiquei pensando na repulsa pelo corpo da pessoa que dorme ao lado durante vinte anos. Fiquei pensando no silêncio do casal nas noites de insônia.

O prazer é sorridente e lúdico. O casal que se ama fala, brinca, ri, gargalha, põe apelido nas partes do corpo do cônjuge e goza. Nunca tinha me atentado para o duplo sentido da palavra “gozar”. Gozar pode ser entendido como tirar um sarro do outro, ofendê-lo, humilhá-lo. Gozar também pode ser entendido como o prazer de cada um. Quando se ama, goza-se junto com o

outro, unindo de certa forma os dois sentidos, sem humilhação ou solidão, mas com carinho e reciprocidade.

Fui interrompido em minhas divagações:

- Com minha amante, o prazer rola solto.

- É?

- Nossa! Nunca imaginei que pudesse ser tão bom!

Eu já estava curioso e incentivei ousado.

- O que tanto vocês fazem na cama?

- Ah!! Tanta coisa que eu nem sei contar.

Não sei se ele percebeu minha frustração e, depois de um breve silêncio, resolveu contar alguma coisa.

- Outro dia fomos a um motel. Nunca tinha ido, mas a danada sabe criar o clima. Que lugar bonito! Pedimos um vinho e brindamos. Já estávamos sem roupa quando eu derramei um pouco de vinho entre os seus seios e o vi escorrer pelo corpo. Desceu lentamente pela barriga, empoçando no umbigo. Depois, transbordou e continuou escorrendo.

Percebi que eu tinha bloqueado a respiração e fechado os olhos. Soltei o ar num suspiro, tomando cuidado para o motorista não perceber que eu estava gostando.

- Depois do umbigo, o vinho continuou descendo, aproximando-se dos pêlos encaracolados e escuros, acima do sexo. O vinho foi abrindo passagem entre os pêlos como se um rio na floresta houvesse transbordado e invadissem a mata.

Não é que o motorista tinha virado um poeta, com a bela comparação! Tentando disfarçar minha ansiedade, eu perguntei:

- E aí?

- Aí? Ora, aí eu bebi o vinho lá.

- Lá?

- Lá! Uma delícia. Um sabor que não dá para descrever. Assim, meio salgado, não sei. Muito gostoso.

- Sei.

Menti, porque nunca bebi um vinho temperado com o sabor de uma mulher. Na verdade, não sabia o que dizer. Estava excitado pelo relato do motorista e ao mesmo tempo o invejava pelo prazer compartilhado com sua amante. Talvez eu o invejasse mais pela coragem em assumir o prazer sentido, tanto que o relatava a um passageiro desconhecido.

- Outra noite, num outro motel, sabe o que eu fiz?

- Não tenho a mínima idéia.

- Comprei palitos de chocolate. Coloquei o palito lá.

- Lá?

- Lá! Aí eu ia mordendo e chupando o palito de chocolate até chegar ao fim.

- E ela?

- Nossa! Ficava gemendo, gemendo, se contorcendo, me enroscava o pescoço com as pernas que eu quase sufocava. Então ela gozou de forma como eu nunca tinha imaginado que uma mulher pudesse fazer.

Minha respiração tinha ficado mais acelerada. Suava um pouco na testa. Quase não percebi que o destino da viagem estava próximo.

- Estamos perto.

- Onde paro?

- Naquele prédio na final da rua, à sua esquerda.
- Espero não tê-lo incomodado com minhas estórias.
- De maneira nenhuma. Pelo contrário.
- Eu estava precisando falar essas coisas com alguém.
- Eu agradeço a confiança.

- Eu não sei se minha mulher vai descobrir. Talvez eu morra esfaqueado alguma noite dessas. Minha mulher já percebeu que eu estou mais leve, mais disposto. Isso não era normal nos vinte anos de casado. Ela reclama que eu não discuto mais com ela. Pra que discutir? Ela não iria entender. Só sei que eu estou mais feliz.

- Eu fico aqui.

Paguei a corrida e me despedi.

- Até logo.
- Até logo. Obrigado. Felicidades para o senhor.

Saí do táxi com a mala na mão. Me recompus. Havia feito uma outra viagem. Respirei fundo. Olhei para o céu de um azul delicado de um lento final de tarde. Percebi que eu estava melhor do que quando entrei no táxi, vinte ou trinta minutos antes. Acho que estava mais feliz. Lembrei-me da despedida do motorista. “Felicidades para o senhor”. Não poderia ter sido uma frase comum entre motoristas de táxi e passageiros. Já estava fazendo efeito em mim. Olhei novamente o céu. Continuava azul e delicado.